



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

Fantasia sadiana na contemporaneidade

www.voxinstituto.com.br

Fantasia sadiana na contemporaneidade

André Gomes Pacheco

I) Introdução

Uma das consequências capitais na aproximação que Lacan faz entre Kant e Sade jaz na constatação de que, por trás da moral kantiana, haveria uma fantasia perversa. O presente texto partiu da hipótese de que, analogamente, o moralismo que se percebe contemporaneamente teria fundamentos perversos.

Por “moralismo”, refiro-me à tentativa de imposição de uma moralidade sobre outras, ou ainda, à “manifestação, por meio de palavras ou atos, que demonstra exagerada preocupação com questões de moral e tendência à intolerância e preconceito em relação aos outros”¹. No tempo presente, o moralismo se faz notar com mais clareza no debate político; em especial, sob a forma de um discurso que apregoa um retorno às tradições.

Antes, contudo, de levar esta discussão para a atualidade, cabe retomar alguns dos elementos apreendidos no escrito lacaniano que influenciou esta comunicação.

II) Kant com Sade

Quando da formulação de uma ética que pudesse guiar as ações humanas, Kant privilegia a forma em detrimento do conteúdo. A chamada razão prática deve se orientar por um universal que se sobreponha aos particulares. Por conseguinte, uma ética apoiada em conceitos como felicidade ou prazer individual não é possível. Estes, são inconstantes: variam de pessoa a pessoa, oscilam no decorrer do tempo. São, portanto, objetos da experiência; articulam-se não ao Bem da lei moral (“das Gute”), mas ao bem (“das wohl”) que se refere ao bem-estar². Com isso, Kant está erigindo uma ética desatrelada dos objetos. Ou, como escreverá Lacan:

É no momento em que o sujeito já não tem diante de si objeto algum que ele encontra uma lei, a qual não tem outro fenômeno senão alguma coisa já significativa, que é obtida de uma voz na consciência

¹ Michaelis: *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. Disponível em: [https://michaelis.uol.com.br/palavra/Nypvj/moralismo/]. Acesso em 12/02/2021.

² Lacan, J. Kant com Sade. In: *Escritos*. Ribeiro, V, tradutora. Rio de Janeiro: Zahar; 1998. 777 p.

e que ao se articular nela como máxima, propõe ali a ordem de uma razão puramente prática, ou vontade.³

Com efeito, no chamado imperativo categórico de Kant, enuncia-se para o sujeito uma regra advinda de sua própria consciência, a despeito de qualquer objeto, de qualquer assunto particular: “Age de tal maneira que a máxima da tua vontade possa sempre valer como princípio de uma lei universal”.

Ora, mas e quando a “vontade” se faz vontade de gozo? Na prática, este é o “passo a mais” dado pelo Marquês de Sade. A isto ele se presta quando nos apresenta seu “panfleto dentro do panfleto”⁴: sustentar uma sociedade em que o gozo é a regra universal. Aqui, segundo Lacan, o imperativo seria escrito do seguinte modo: “tenho o direito de gozar de teu corpo, podes dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar”⁵.

Importa aqui considerar não apenas que Sade leva Kant às últimas consequências, mas também que, ao fazê-lo, termina por revelar sua verdade oculta. Qual seja, a de que há uma fantasia perversa por trás da moral kantiana. É valendo-se de Sade, portanto, que Lacan traz à tona o que há de enunciação nos enunciados kantianos.

O moralista, então, goza. E, se a nova república tal como proposta por Sade parece ser campo fértil para toda sorte de comportamento imoral, isso não faz dele menos moralista⁶: a título de exemplo, basta olhar para as muitas recriminações que o autor fará à monogamia, tratando-a como refúgio dos egoístas e sentimentalistas.

De outra parte, ao propor uma razão puramente prática, uma vontade desabalada por qualquer tipo de paixão ou sentimento, Kant cairá em uma espécie de “voluntarismo da Lei-pela-Lei”, não atentando ao “aspecto do gozo de Deus”⁷.

Aqui e ali – em Kant e em Sade –, portanto, nota-se a submissão a alguma forma de lei. Se, em Kant, ela deriva da razão, em Sade, terá fonte na natureza, a qual impõe aos homens impulsos destrutivos.

Também correlata é a aposta que ambos fazem numa sociabilidade calcada na

³ Ibid. 778 p.

⁴ Expressão utilizada por Lacan em referência ao texto “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”, contido em Sade, M. *A Filosofia na Alcova*. Borges, C, tradutor. São Paulo: Iluminuras,; 1999.

⁵ Lacan, J. Op. cit. 780 p.

⁶ Cf. o que diz Lacan sobre *A Filosofia na Alcova*: “Há um pouco de pregação demais dentro dela”. Ibid. 798 p.

⁷ Ibid. 784 p.

PACHECO, André Gomes: Fantasia sadiana na contemporaneidade. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação oral durante a Jornada de Abertura do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, fevereiro de 2021.

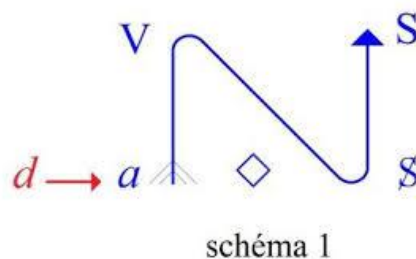
reciprocidade. Em Sade, isso é mais visível; sobressai no seguinte trecho de seu supracitado mandamento: “podes dizer-me qualquer um”. Mas também Kant caminha nesta direção com o seu imperativo categórico. Aí, igualmente, age-se com base na perspectiva de o outro me fazer o mesmo.

Oportuno retornar aqui ao texto de Lacan: “Nesse aspecto, a máxima sadiana é, por se pronunciar pela boca do Outro, mais honesta do que o recurso à voz interior, já que desmascara a fenda, comumente escamoteada, do sujeito.”⁸

E a articulação de Kant com Sade mostra, ainda, que, em verdade, há, sim, objeto presente no sistema kantiano, por mais que ele se furte ao longo de toda a sua *Crítica da Razão Prática*⁹.

A tese de Lacan é que através da fantasia sadiana, podemos saber que há também um objeto na ética kantiana, porém, um objeto que não é o da experiência. É a partir desse objeto escondido que podemos conseguir o desaparecimento da experiência. Que há um objeto, é o objeto pequeno a.¹⁰

É, enfim, no lugar de “objeto a” que se colocam os algozes retratados na obra de Marquês de Sade, uma vez que estes fazem de si tão somente instrumentos da lei que apregoa o gozo como máxima. Partindo desse objeto, Lacan vai construir isto que intitulou de fantasia sadiana:



Note-se que a base para tal esquema¹¹ é a fórmula da fantasia na perversão (a punção de S barrado). Nesta, o sentido usual da fórmula da fantasia se inverte: do lado do agente, está o objeto a, e, do lado Outro, o sujeito barrado. Na fantasia sadiana, em

⁸ Ibid. 782 p.

⁹ Ibid. 779 p.

¹⁰ Miller, JA. *Lacan Elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar; 1997 180 p.

¹¹ Em *Kant com Sade*, Lacan também constrói um segundo esquema, a partir do qual falará de Sade enquanto autor. Para os fins do presente texto, será suficiente recuperar apenas o primeiro esquema.

PACHECO, André Gomes: Fantasia sadiana na contemporaneidade. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação oral durante a Jornada de Abertura do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, fevereiro de 2021.

particular, adicionam-se mais duas letras, as quais se referem à vontade de gozo (V) e sujeito bruto do prazer (S).

Da esquematização da fantasia sadiana nestes termos decorrem os seguintes pontos: I) há unilateralidade da divisão do sujeito (a falta, a angústia, é toda remetida para o lado do Outro); II) a vontade de gozo se sobrepõe, lançando o desejo (d) para os bastidores; III) como já falado, o agente se fixa no lugar de objeto a; e IV) ao final, visa-se um S sem barra, dito sujeito bruto do prazer.

Há, então, um esquema que envolve parceria. De um lado, alguém goza a partir de certa fixidez; do outro, alguém sofre uma forma de divisão. Necessário destacar que não se trata do mesmo tipo de parceria que se depreende da leitura de textos freudianos sobre sadomasoquismo. Não, aqui, a parceria não se dá entre um sádico e um masoquista. O central na fantasia sadiana pensada a partir de Lacan é que esta se dá sem consentimento.

Goza-se, enfim, de um ponto bem específico. Mas, diferentemente da neurose, em que o sujeito se pergunta quanto ao que o outro quer, o perverso sabe das respostas.

III) E hoje?

Feita essa retomada do texto lacaniano, parte-se agora para um exercício reflexivo em torno de questões mais contemporâneas. Para comentar sobre como o moralismo segue vigorando no debate público atual, vamos recorrer ao livro *Guerra Pela Eternidade*, publicado em 2020 pelo etnógrafo norte-americano Benjamin R. Teitelbaum.

Nessa obra, Teitelbaum faz extensa pesquisa relativa a alguns dos principais “gurus” da nova direita populista, dentre eles, Steve Bannon, Aleksandr Dugin e Olavo de Carvalho. Cada um à sua forma, todos esses parecem ser influenciados pelo chamado “Tradicionalismo”, corrente filosófica pouco conhecida e de cunho esotérico.

Avesso ao globalismo e ao materialismo, o Tradicionalismo se distingue por uma aceção cíclica do tempo, a qual preconiza que a próxima “idade de ouro” só terá início com o desmoronamento da era sombria em que vivemos. Seus seguidores “basicamente acreditam que a humanidade está no fim de um longo ciclo de declínio e que vai ser concluído com destruição e renascimento”¹².

Teitelbaum argumenta que, neste movimento Tradicionalista, “há um elemento de

¹² Duarte, L. 'Destruição é a agenda do Tradicionalismo', a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump. El País [internet] 2020 Dez 12. Disponível em: [<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html>]. Acesso em 09/02/2021.

PACHECO, André Gomes: Fantasia sadiana na contemporaneidade. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação oral durante a Jornada de Abertura do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, fevereiro de 2021.

destruição que não necessariamente existe no fascismo”¹³. Se, no fascismo, há uma crença no progresso e um direcionamento do povo para a defesa do Estado, no Tradicionalismo, diferentemente, apregoa-se a destruição e há um claro empuxo ao desmonte do Estado, por mais que alguma ideia de nação (ou nacionalismo) siga sendo propalada.

O pendor à destruição é um dos pontos em que a obra de Sade parece ressoar. Mas é possível encontrar mais paralelos ao se colocar o foco em outros elementos. Em um dado momento de seu livro, Teitelbaum destaca a expressão “fatos alternativos”, tal como utilizada por Kellyanne Conway, ex-conselheira de Donald Trump, em entrevista¹⁴ à NBC News. Na ocasião, Conway utilizou a expressão citada para defender um membro do governo que havia declarado falsamente que a tomada de posse de Trump foi aquela com o maior número de espectadores na história. A imprensa americana comprovou posteriormente que, em realidade, a audiência na posse de Barack Obama havia sido superior.

O que são “fatos alternativos” se não *fake news*? Aqui, outro elemento da discussão prévia poderia ser recuperado: conforme já apontado, é por uma operação sem consentimento que a fantasia sadiana funciona. Da mesma forma, a produção de uma notícia falsa dispensa o consentimento da realidade e dos demais.

Questão similar se apresenta nesta outra passagem do livro de Teitelbaum, envolvendo, desta vez, Aleksandr Dugin:

um repórter da BBC certa vez perguntou a Dugin sobre o conflito na Síria, se ele acreditava nas informações divulgadas pela mídia estatal russa. Dugin respondeu com um monólogo, citando filósofos pós-modernos ocidentais e atacando o conceito de 'fatos'. Ele disse que a verdade é relativa. Os Estados Unidos têm direito ao seu senso de verdade sobre a Síria, mas, da mesma forma, '[nós] temos nossa verdade russa particular'¹⁵.

Não é sem motivos, enfim, que o negacionismo científico emerge com força cada vez maior na arena política. Tratando do terraplanismo, o psicanalista Mauro Mendes Dias afirmou, recentemente¹⁶, ser necessário considerar que poucos daqueles que se

¹³ Ibid.

¹⁴ Vídeo da entrevista disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=VSrEEDQgFc8>]. Acesso em 14/02/21.

¹⁵ Teitelbaum BR. *Guerra pela Eternidade*; Costa, C, tradutora. Campinas, SP: Editora da Unicamp; 2020.

¹⁶ Comunicação oral durante o debate “A Incidência da Estupidez no Discurso da Subjetividade”, realizado em 22/01/2021 no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise.

PACHECO, André Gomes: Fantasia sadiana na contemporaneidade. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação oral durante a Jornada de Abertura do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, fevereiro de 2021.

dizem terraplanistas acreditam, efetivamente, que a Terra seja plana. Na realidade, a anuência destes ao absurdo se daria com vistas a autorizar que eles próprios ajam como bem entenderem. Ou seja, crê-se no absurdo para poder exercê-lo; para poder, ao fim, legislar em causa própria.

Sendo assim, o terraplanista que, no fundo, finge acreditar, operaria em lógica similar à da renegação característica da perversão, a qual parece dizer: “sei bem, mas, mesmo assim”¹⁷. Trata-se, enfim, de um desmentido, por meio do qual o sujeito busca fazer de sua vontade lei.

A religião, conhecido campo fértil para moralismos e moralistas, não fica de fora deste novo movimento político influenciado pelo Tradicionalismo. Não há de ser mera coincidência o fato de que tanto Trump quanto Bolsonaro tenham se aproximado de religiões evangélicas durante suas campanhas presidenciais.

Valendo-se do esquema construído por Lacan, seria possível considerar que o “crente” ou o “seguidor de seita” estariam, hoje, posicionados no lugar de “objeto a” de uma fantasia sadiana? E, indo além, quem encontraríamos do outro lado, no lugar de sujeito barrado? Assumindo, portanto, que a leitura de que há uma fantasia sadiana operando na contemporaneidade seja válida, quem são os seus atores? Que tipos de par ou de parcerias são necessários para que ela funcione?

Seguramente, todo gênero de leitura como as tentadas acima não de incorrer em simplismos. Assim, seria prudente evitar conclusões apressadas a partir de interpretações tão diretas. Não obstante, parece pertinente considerar a hipótese de que a perversão tem se apoderado do laço social. O que não significa dizer que os sujeitos contemporâneos são perversos, mas, sim, que algo de uma fantasia perversa parece modular a sociabilidade atual.

Em sendo verdadeiros os apontamentos progressos, vale, também, a pergunta ‘quais seriam os tratamentos possíveis’. Nesse sentido, seria necessário considerar o que poderia esvaziar o gozo que advém da fantasia sadiana.

Como visto, esta se sustenta em um sistema pautado pela reciprocidade. “Tenho o direito de gozar do teu corpo”¹⁸, e vice-versa. Resulta que, na vigência da reciprocidade, não há alteridade. Ou, como sugere Lebrun em *A perversão comum*: vive-se junto sem

¹⁷ Lebrun, JP. *A perversão comum*. Abreu, P. tradutor. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 2008. 30 p.

¹⁸ Lacan, J. Op. cit. 780 p.

PACHECO, André Gomes: Fantasia sadiana na contemporaneidade. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação oral durante a Jornada de Abertura do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, fevereiro de 2021.

Outro¹⁹. Como fazer constar a diferença?

Claro está que, em religiões neopentecostais e na nova direita populista influenciada pelos gurus Tradicionalistas, o moralismo se faz notar sem maiores dificuldades. Mas é preciso considerar, igualmente, que o moralismo, hoje, habita até mesmo o discurso dos que se afirmam progressistas, defensores da diferença. Da mesma forma, não raro o moralismo se faz notar em espaços e debates dedicados à psicanálise²⁰.

Que tipos de satisfação podem fazer frente a este gozo que moralizar nos traz?

¹⁹ Lebrun, JP. Op. cit.

²⁰ Cf. Allouch, J. *A etificação da psicanálise*. Estrada, DD, tradutora. Rio de Janeiro: Cia de Freud; 1997.